

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direcção musical

4 Nov 2022 · 21:30 Sala Suggia

À VOLTA DO BARROCO



casa da música

MECENAS



FONDATION ADELMAN
POUR L'ÉDUCATION

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Orquestrações/arranjos de obras de Johann Sebastian Bach

Edward Elgar

Fantasia e Fuga em Dó menor, BWV 537 (1708-17/1921; c.9min)

Gustav Mahler

Suite de obras orquestrais de J. S. Bach (1724-31/1910; c.19min)

1. Overture
2. Rondeau — Badinerie
3. Air
4. Gavotte 1 e 2

Anton Webern

Fuga (Ricercata), da *Oferenda Musical*, BWV 1079 (1747/1935; c.10min)

Leopold Stokowski

Fuga em Sol menor, BWV 578, “Pequena Fuga” (1703-07/1950; c.4min)

Toccat e Fuga em Ré menor, BWV 565 (1703-07/1952; c.9min)

Concerto sem intervalo.

Johann Sebastian Bach

EISENACH, 21 DE MARÇO DE 1685

LEIPZIG, 28 DE JULHO DE 1750

As primeiras décadas do século XX ficaram marcadas, nas várias artes, pela ansiedade de novidade e modernidade manifestada em múltiplas vertentes. Se a procura por novas soluções técnicas que rompessem com o aparentemente já saturado Romantismo é, no panorama musical modernista, uma preocupação premente em várias geografias, também o combate com esse passado imediato e com um sistema tonal obsoleto se fez através do retorno a épocas mais recuadas. Como referência absoluta para muitos dos compositores que, a dada altura, se comprometeram com uma certa revisitação de estéticas anteriores, surge Johann Sebastian Bach (1685-1755), redescoberto por Felix Mendelssohn (1809-1847) décadas depois da sua morte e de uma vida longe do reconhecimento que veio a ter postumamente. Bach torna-se, no fundo, uma tendência transversal no que à música erudita ocidental diz respeito. Enquanto nos casos dos compositores e orquestradores de hoje nos são apresentadas orquestrações de obras para teclado (órgão) ou orquestra de Bach, outras facetas deste fascínio se fizeram notar simultaneamente — como nos neobarroquismos propositadamente anti-românticos de Stravinski (1882-1971) da fase pós-russa, com que procurava uma nova música objectiva, e nas células fundamentais do serialismo da 2.^a Escola de Viena, encabeçada por quem se considerava, numa Alemanha debilitada do pós-guerra, descendente directo e lógico do “Pai Bach”: Arnold Schoenberg (1874-1951). Ou seja, em vários pontos, momentos e contextos, Bach tornou-se uma figura-chave das estéticas das primeiras décadas do século XX, como, aliás, fica bem ilustrado neste programa, onde a sua

linguagem é reinventada, homenageada e, de certa forma, amplificada.

A **Fantasia e Fuga BWV 537**, composta originalmente para órgão entre 1708 e 1717, em Weimar, chega-nos numa orquestração de **Edward Elgar** (1857-1934), compositor inglês conhecido principalmente pela sua obra sinfónica e concertística. Obra dupla em que sobressai o contraste entre o carácter aparentemente mais livre e contemplativo da fantasia e a arquitectura cerebral e minuciosa da fuga, é recuperada em 1921 por Elgar numa leitura em que esse contraste, pelos jogos tímbricos, se torna ainda mais evidente. O destaque inicial é, nesta versão da obra, dado ao oboé com o apoio das cordas que, aos poucos, assumem o protagonismo, enquanto algumas entradas em fugato, ainda na fantasia, vão prenunciando a secção seguinte. Na preparação para uma fuga de carácter afirmativo, o aumento da densidade orquestral ao longo da fantasia é conseguido pelo destaque dado às cordas graves e aos metais, preenchido com passagens da harpa, num equilíbrio tímbrico e dinâmico consumado com um final equivalente ao início da obra, tornando quase abrupta a transição para a fuga. Nesta, o tema é primeiramente apresentado pelos segundos violinos e violas, seguindo-se-lhes os primeiros violinos. A rede complexifica-se com a entrada dos trombones, que abrem assim o caminho para os diálogos entre os metais, comentados pela harpa. A inclusão de mais percussão na fuga acentua a assertividade rítmica da mesma, juntamente com um aumento de densidade e intensidade que preparam as derradeiras entradas do tema.

A **Suite de obras orquestrais de Bach** é uma selecção de danças das suites para orquestra n.º 2 (BWV 1067) e n.º 3 (BWV 1068) — estas

compostas entre 1724 e 1731, juntamente com as Suites n.ºs 1 e 4. Trata-se de um rearranjo em quatro andamentos das seis danças escolhidas para adaptação, em 1910, por **Gustav Mahler** (1860-1911). Entre elas encontram-se algumas que se tornaram, com o decorrer do tempo, obras centrais do repertório de determinados instrumentos. Da Suite n.º 2, Mahler recupera a “Abertura”, o “Rondeau” e a “Badinerie” — juntando estas duas num só andamento, com o regresso à “Badinerie” no final do “Rondeau” —, e exclui a “Sarabande”, a “Bourrée I e II”, a “Double”, a “Polonaise” e o “Minuetto”; da Suite n.º 3, adapta “Air” e “Gavotte I e II”, deixando de parte a “Abertura”, a “Bourrée” e a “Gigue”. Na verdade, esta é a adaptação mais próxima das obras originais de Bach que se encontra neste programa. À Suite n.º 2, composta originalmente para flauta, violinos I e II, viola e baixo contínuo, e à Suite n.º 3, para trompete, oboé, tímpanos, violinos I e II, viola e baixo contínuo, Mahler modifica apenas ligeiramente a instrumentação. Ainda que junte danças de suites diferentes, obedece, de certa forma, à ordem e à estrutura originais do género suite (contrastando as danças mais líricas com as mais dançáveis) e de cada uma das danças (todas elas em estruturas tripartidas, em que a última parte consiste na repetição da primeira).

À obra mais fiel à concepção original de Bach segue-se a que mais se distancia: **Fuga (Ricerca) da *Musikalisches Opfer*, BWV 1079** (“Ricarcar a 6”). Composta em 1747 e dedicada a Frederico II da Prússia, a *Oferenda Musical* foi concebida como uma colecção de várias obras em diferentes formas (ricercas, cânones e uma sonata em quatro andamentos) que exploram as possibilidades da técnica do contraponto a partir de um só tema, conhecido como “Tema Régio”, dado como teste às capacidades

de improvisação de Bach pelo próprio Frederico II — numa fase em que a prova e a sistematização desse domínio eram preocupações centrais na criação de Bach, notórias também nas *Variações Goldberg* (1741-1742) e na *Arte da Fuga* (1745-1750). A obra foi concebida sem especificação de instrumentário e, nesse sentido, **Anton Webern** (1883-1945) aproveita a centralidade quase exclusiva do material temático assumida pelo próprio Bach, elevando-a ao apresentar-nos o tema principal fragmentado por vários instrumentos — inicialmente trombone, trompa e trompete. Na senda da intelectualização schoenberguiana, e sendo Webern actualmente reconhecido como o mais fiel aos processos técnicos da 2.ª Escola de Viena, apresenta-nos, ainda que não através do serialismo, uma desconstrução da apresentação do tema com que destaca, no fundo, a lógica e as inter-relações possíveis entre os motivos apresentados na obra. O desafio que se torna, desta forma, o reconhecimento auditivo da obra original pela distribuição de células do tema pelos vários instrumentos é, no fundo, uma homenagem à infinitude de possibilidades e à actualidade da música de Bach, ainda que cerca de duzentos anos depois da sua concepção.

Com **Leopold Stokowski** (1882-1977), maestro inglês que se destacou também pelos muitos arranjos para orquestra de obras de Bach, voltamos à orquestração da obra para órgão do compositor alemão, em duas das suas peças mais icónicas para o instrumento: a **“Pequena” Fuga em Sol menor BWV 578** e a **Tocatta e Fuga em Ré menor BWV 565**, ambas originalmente compostas entre 1703 e 1707. Na primeira, o tema é-nos apresentado do registo agudo ao grave pelas palhetas duplas — do oboé ao contrafagote —, complexificando-se

a escrita contrapontística com a inclusão das cordas. Na breve fuga, os metais surgem na última entrada do tema para, como sugere o próprio Stokowski na introdução à sua partitura, um grande coro final.

Diferente na sua génese é, contudo, a Toccata e Fuga em Ré menor. Terá sido, à partida, concebida a partir de um exercício de improvisação ao órgão — tal como a génese da *Oferenda Musical* —, não obedecendo o género, por norma, a qualquer forma rígida ou estrutura definida. O emblemático motivo descendente inicial é, por Stokowski, apresentado pelos metais e concluído pelas madeiras e, seguidamente, pelas cordas, a que responde toda a orquestra. O diálogo entre os naipes, salientando a personalidade original da obra e baseado na escrita característica para os vários registos do órgão, é o que está na base de toda a adaptação de Stokowski; inclusivamente na “Fuga” que, iniciada apenas nas cordas, dá lugar aos diálogos entre madeiras e cordas na sua secção central, até ao final afirmativo num *tutti* orquestral.

ISABEL PINA, 2022

Stefan Blunier direcção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. Além dos seus compromissos no Porto, a temporada 2022/23 leva-o a dirigir a Orquestra Nacional de Lille e a Filarmónica de Copenhaga. Na temporada passada, foi convidado para os pódios da Orquestra da Suíça Romanda, da Sinfónica de Berna, da Orquestra Estatal de Darmstadt, da Sinfónica da Ópera de Toulon e da Sinfónica de Singapura. Em Junho de 2022 regressou à Ópera Alemã do Reno com *Macbeth* de Verdi.

Depois da nova produção de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi recentemente bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda* e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Dirigiu *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi director geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente

apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como maestro de ópera, tem-se apresentado em cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres. Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção de orquestra em Berna e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos Concursos de Direcção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim e director musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como director geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury, a que se junta em 2022 a compositora Rebecca Saunders.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2022, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Rebecca Saunders, Philippe Manoury, António Pinho Vargas e Solange Azevedo. Nesta temporada, destaca-se ainda

a interpretação das óperas *Senza sangue* de Peter Eötvös e *O Castelo do Barba Azul* de Béla Bartók, numa sessão única com direcção do próprio Eötvös, e grandes obras corais-sinfónicas como o *Requiem* de Verdi e a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, ao lado do Coro Casa da Música.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
 Maria Kagan
 José Despujols
 Emília Vanguelova
 Tünde Hadadi
 Alan Guimarães
 Vadim Feldblioum
 Vladimir Grinman
 Roumiana Badeva
 Ianina Khmelik
 Andras Burai
 Catarina Resende*
 Clara Badia Campos*
 Ana Luísa Carvalho*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
 Nancy Frederick
 Tatiana Afanasieva
 Pedro Rocha
 Lilit Davtyan
 Catarina Martins
 Domingos Lopes
 Karolina Andrzejczak
 Paul Almond
 Nikola Vasiljev
 Pedro Carvalho*
 Diogo Coelho*

Viola

Mateusz Stasto
 Pawel Riess*
 Luís Norberto Silva
 Anna Gonera
 Hazel Veitch
 Emília Alves
 Biliana Chamlieva
 Theo Ellegiers
 Rute Azevedo
 Jean Loup Lecomte

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
 Vicente Chuaqui
 Sharon Kinder
 Irene Alvar
 Michal Kiska
 Hrant Yeranosyan
 Bruno Cardoso
 Aaron Choi

Contrabaixo

Rui Rodrigues
 Jorge Villar Paredes
 Tiago Pinto Ribeiro
 Joel Azevedo
 Nadia Choi
 Altino Carvalho

Flauta

Paulo Barros
 Ana Maria Ribeiro
 Angelina Rodrigues
 Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
 Telma Mota*
 Tamás Bartók
 Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
 Carlos Alves
 João Moreira
 Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
 Robert Glassburner
 Liliana Reis*
 Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
 Hugo Carneiro
 José Bernardo Silva
 Bohdan Sebestik
 Eddy Tauber
 Olívia Moreira*

Trompete

Sérgio Pacheco
 Ivan Crespo
 Luís Granjo
 Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
 Dawid Seidenberg
 Diogo Andrade*
 Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
 Paulo Oliveira
 Nuno Simões
 André Dias*
 Sandro Andrade*
 Jorge Pereira*

Harpa

Ilaria Vivan
 Ana Aroso*

Celesta/Cravo

Luís Duarte*

Órgão

Vítor Pinho*

*instrumentistas convidados

05 sábado · 18:00 sala suggia

ESPLENDOR CORAL

CORO CASA DA MÚSICA

STEPHEN LAYTON direcção musical

obras de GIOVANNI PIERLUIGI DA PALESTRINA e ANTON BRUCKNER

06 domingo · 18:00 sala suggia

LABIRINTOS HARMÓNICOS

1ª PARTE

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

PETER RUNDEL direcção musical

obras de CLAUDE DEBUSSY/PETER RUNDEL

e JUSTÉ JANULYTÉ

2ª PARTE

ORQUESTRA BARROCA CASA DA MÚSICA

ANDREAS STAIER cravo e direcção musical

ILYA GRINGOLTS violino

obras de ARCANGELO CORELLI e PIETRO ANTONIO LOCATELLI

08 terça · 19:30 sala suggia

VIRTUOSOS EM CONCERTO

1ª PARTE

ORQUESTRA BARROCA CASA DA MÚSICA

ANDREAS STAIER cravo e direcção musical

obras de CARL PHILIPP EMANUEL BACH e JIŘÍ ANTONÍN BENDA

2ª PARTE

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

PETER RUNDEL direcção musical

ILYA GRINGOLTS violino

ALEŠ KLANČAR trompete

obras de SOLANGE AZEVEDO*, REBECCA SAUNDERS e SKY MACKLAY

*estreia mundial

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

